

UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR COM MULHERES EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL DO EXTREMO MERIDIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

MARTA BONOW RODRIGUES¹; GIANPAOLO KNOLLER ADOMILLI²

¹Universidade Federal do Rio Grande - FURG – martabonow@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande - FURG – giansatolep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este é um resumo de meu projeto de Doutorado em Educação Ambiental¹, que visa compreender o modo de vida campeiro de mulheres de comunidades rurais do extremo meridional do Rio Grande do Sul², seus saberes, suas práticas, seus processos educacionais como sujeitos de um modo de vida nesse meio. A motivação propulsora para trabalhar com esse tema foi, principalmente, minha participação no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC³) – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS⁴ (RIETH *et al.*, 2013), que identificou e propôs formas de salvaguardar, como patrimônio nacional, os saberes dos trabalhadores⁵ da região da campanha no Rio Grande do Sul.

Tal INRC indicou que a profusão de saberes do campo se unem em um único e grande aspecto – a lida campeira, composta por diversas lidas (RIETH; RODRIGUES; SILVA, 2015). Essas lidas fazem parte do modo de vida dos sujeitos campeiros, apesar das diferenças que marcam as práticas para mulheres e homens, que aprendem “como ser, ou como *não* ser, aprendizes do sexo feminino” (LAVE, 2015, p.44), no processo educacional dos saberes do campo. Há atividades explicitamente entendidas como femininas e masculinas, e, apesar disso, os saberes são compartilhados por mulheres e homens⁶.

Nesse universo, comumente as mulheres permanecem invisibilizadas, como se não fizessem parte da comunidade de conhecimento do campo⁷. Para que possamos refletir criticamente sobre essa questão, entendo que uma abordagem feminista que permeie a Educação Ambiental, possibilita termos um entendimento mais autônomo das relações de poder (STRATHERN, 2006).

É importante ressaltar que essas mulheres na lida campeira exercem atividades socialmente, culturalmente e politicamente associadas aos homens e isso ocorre porque há uma suposta divisão sexual do trabalho em diversas

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

² No estreito de terra que compreende os municípios de Rio Grande até o Chuí.

³ INRC é um instrumento de reconhecimento de bens culturais de qualquer natureza. Fazer um inventário é fazer um levantamento, uma listagem descritiva dos bens culturais que remetem às referências culturais - materiais e imateriais - de um lugar ou grupo. (IPHAN, 2012).

⁴ A pesquisa de campo deste Inventário foi executada no período de 2010 a 2013, por uma equipe de antropólogos, historiadores e geógrafos da UFPEL, com financiamento e metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da qual eu fazia parte. A pesquisa tem como foco os saberes e ofícios dos trabalhadores campeiros no pampa sul-riograndense.

⁵ Trago “os trabalhadores” no masculino, pois a indicação metodológica acabou levando a equipe sempre para trabalhadores homens. Mais adiante essa questão será abordada.

⁶ Essa é uma observação de minha vivência que poderá sofrer transformações ao longo da pesquisa de doutorado.

⁷ Região em que as propriedades privadas se ocupam principalmente da pecuária extensiva – criação de gado em áreas de pastos amplas e abertas.

comunidades (ALENCAR, 1993; BECK, 1991; WOORTMANN, 1992). Esse modelo se caracteriza pela ênfase que é dada à distinção das atividades e dos espaços de acordo com os gêneros e, portanto, as atividades mais significativas para a economia do grupo, as mais valorizadas, as que requerem força e coragem, aquelas consideradas como “lidas brabíssimas” (RIETH, RODRIGUES & SILVA, 2015) acabam sendo atribuídas aos homens.

Assim, compreender como ocorre a tentativa de subalternização das mulheres por meio do trabalho campeiro – reproduzindo o lugar da mulher no ambiente doméstico, lugar em que a maioria das mulheres estão nesse campo – também é uma forma de apresentar dados que venham a somar na luta pela minimização dos estigmas da mulher nas lidas campeiras e, principalmente, somar nas lutas feministas a longo prazo contra o sistema patriarcal.

2. METODOLOGIA

No momento, o processo de pesquisa bibliográfica em referências que versam sobre Educação Ambiental Crítica, Feminismos, Campesinato e Antropologia, é o que se tem realizado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, cujo trabalho de campo ainda não foi realizado⁸, o método etnográfico será empregado, filiando-a à *corrente etnográfica* da Educação Ambiental (SAUVÉ, 2005), a qual privilegia, ou enfatiza o caráter cultural da relação com o meio ambiente, contribuindo para uma educação ambiental que não impõe uma visão de mundo, e sim leva em conta a cultura de referência das populações ou das comunidades envolvidas.

A etnografia, enquanto método vinculado à reflexão antropológica, possibilita contribuir analiticamente para as pesquisas em Educação Ambiental e para os estudos sobre conflitos socioambientais (ADOMILLI *et al.*, 2017). Propõe-se, então, através da etnografia, observar o ser e estar no mundo para mulheres campeiras, considerando os preceitos da Educação Ambiental latino-americana, a qual tem constituído um campo teórico e espaço público privilegiado para a difusão de noções de natureza não dogmáticas, nem totalitárias, em estreitas relações com a diversidade cultural e social (REIGOTA, 2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando-se em conta que, em geral, as lidas campeiras são compreendidas como parte do universo dos homens do campo, por exigirem “força física” (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015), pode-se pensar, em um primeiro momento, que as mulheres não acessam ou não vivenciam o conhecimento pleno das atividades que a lida do campo envolve. No entanto, as mulheres estão vivendo o campo, as atividades e tudo o que envolve o mundo campeiro, pois fazem parte desse universo. Podemos pensar, assim, que o processo de aprendizado das lidas campeiras⁹ entre as mulheres, da mesma forma como possivelmente ocorre com os homens

⁸ Alguns dados empíricos são utilizados para a composição deste projeto, uma vez que a autora é parte desse universo campeiro da região litorânea do extremo sul do RS.

⁹ Trabalho rural, trabalho de campo com animais de produção, principalmente envolvendo pessoas e animais, direta ou indiretamente (gado bovino e cavalos).

campeiros, é resultado do todo que constitui a vida social e, portanto, também a cultura, uma vez que, centrada nas relações, faz parte do todo – aprendizagem situada nas complexas comunidades de práticas (LAVE, 2015, p. 40). Segundo Lave (2015), cultura “e”¹⁰ aprendizagem são sempre ambas as coisas: “as coisas são constituídas por, e constituídas como, as suas relações; e assim, produção cultural é aprendizagem que é produção cultural” (LAVE, 2015, p. 40).

No entanto, para as mulheres campeiras, a invisibilização como produtoras, aprendizes e mantenedoras de cultura/educação, e a violência em diminuir ou subalternizar sua presença colocando-as em segundo plano nesse meio cultural, são as heranças do patriarcado capitalista das sociedades coloniais e imperiais europeias e europeizadas (FEDERICI, 2017; 2019).

Podemos considerar que essa masculinização do campo, na Europa, inicia fortemente com a retirada do poder sobre as terras das mãos das mulheres. Durante o período histórico conhecido como feudalismo – na transição para o capitalismo, quando ocorre a intensificação da construção das pessoas como indivíduos e a perda, pouco a pouco, da vida comunitária, as mulheres passaram a ser retiradas do acesso à terra, à sua autonomia e do acesso à liberdade de usufruir de determinadas especializações e de determinadas posições sociais (FEDERICI, 2017). Diante de crises sociais que assolavam a Europa, a mulher, portanto, passou a ser considerada uma pessoa de “segunda classe”. E essa ideia do que é ser mulher na sociedade ocidental permanece após cinco séculos de implantação do capitalismo.

Para buscar a visibilização das mulheres campeiras, de suas histórias e modos de vida, é fundamental trazer à tona essas vivências do cotidiano, dos processos de aprendizagens contínuos e da transmissão dos saberes por meio de processos educativos que perpassam essas mulheres, subtraindo a dicotomização de categorias, uma vez que, de acordo com Marisol de la Cadena (2018), mulher também é território. Assim, também colocamos no mesmo patamar os conceitos êmicos e éticos, os significados e abstrações que resultam do processo do conhecimento e o mundo material das coisas – incluindo, aí, o meio ambiente (STEIL & CARVALHO, 2014).

4. CONCLUSÕES

Ao nos depararmos com as mulheres do campo, entendemos que encontraremos os meios através das habilidades e criatividades desenvolvidas no processo da vida e que as faz resistir às adversidades de um mundo cujo pensamento e ação estão em crise centrada no patriarcado, no capital, na perspectiva dicotômica e categorial – elementos de exploração, dominação e destruição.

Portanto, perceber a perspectiva das mulheres campeiras, seus conhecimentos, processos contínuos de aprendizagens e ações no fluxo da vida, resulta na ampliação e complexificação das noções de ambiente, educação e, ainda, conflitos socioambientais, denunciando, ao mesmo tempo, o silenciamento histórico imposto a essas mulheres.

Nesse movimento de contribuir com os estudos sobre mulheres e Educação Ambiental, podemos compreender que elas são ao mesmo tempo produto e produtoras de cultura/educação, o que poderá levar a despertar potencialidades

¹⁰ Ênfase de Lave (2015, p. 39).

que mobilizam suas capacidades políticas de participar, discutir, decidir e mudar. Como resultado, elas poderão não apenas mudar o mundo, mas mudar, também, suas posições diante do mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOMILLI, G.; TEMPAS, M.; LOPES, R. Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 226-244, set.-dez./2017.
- ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, L. G.; LEITÃO, W.; FIÚZA DE MELO, A. (Org.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993, p. 63-81.
- BECK, A. Pertence à Mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n. 10, p. 8-24, 1991.
- FEDERICI, S. **O Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, S. **Mulheres e caça às Bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LA CADENA, M. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 95-117, abr/2018.
- LAVE, J. Aprendizado como / na prática. **Horizontes Antropológicos**. Ano 21, n. 44, p. 37-47, jul-dez/2015.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- RIETH, F., *et al.* Inventário Nacional de Referências Culturais - **Lidas Campeiras da Região de Bagé**. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, v. 1, v. 2, v.3, 2013.
- RIETH, F.; RODRIGUES, M. B.; SILVA, L. B. M. As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. In: NUMMER, F. V.; FRANÇA, M. C. C. C. (Org.). **Entre ofícios e profissões**: reflexões antropológicas. Belém: GAPTA/UFPA, 2015. p. 175-195.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel C. M. (Orgs.). **Educação Ambiental**: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 17-45.
- STEIL, C. A.; CARVALHO, I. Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.
- STRATHERN, M. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.
- WOORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em 'comunidades pesqueiras' do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 18, p. 41-60, 1992.